

# UMA REFLEXÃO FREUDIANA ACERCA DA PERSONAGEM FEMININA DE HELENA PARENTE CUNHA NO CONTO “O PAI”

Patricia Maria dos Santos Santana <sup>1</sup>

## Resumo:

Diante das transformações ao longo da vida, a personagem feminina do conto “O Pai” parece paralisada e sem forças para agir. Construída por Helena Parente Cunha, uma profunda pesquisadora da luta feminina na sociedade contemporânea, podemos afirmar que toda a paralisia apresentada na personagem feminina de Cunha não foi criada em vão, representando os obstáculos que a mulher moderna precisa atravessar em uma sociedade patriarcal.

**Palavras-chave:** Feminino. Imaginário. Poder Patriarcal.

## Abstract:

Facing the transformations all through her lifetime, the feminine character of the tale “O pai” seems to be paralyzed and without forces to act. Constructed by Helena Parente Cunha, a deep researcher of the feminine fights in contemporary society, we can affirm that the stagnation found in the feminine character was not created in vain, representing the obstacles that the modern woman must pass through in a patriarchal society.

**Key Words:** Feminine. Imaginary. Patriarchal Power.

*O destino de uma mulher é ser mulher.*

Clarice Lispector, *A Hora da Estrela*

*Quando passamos de uma certa idade, a alma  
da criança que fomos e as almas dos mortos,  
dos quais brotamos, vem nos ofertar  
seus bens e seus feitiços.*

Marcel Proust, *Em busca do tempo perdido*

---

<sup>1</sup> Mestra em Letras e Ciências Humanas. Doutoranda em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista Capes.

## Introdução

Este trabalho visa analisar a personagem feminina protagonista do conto “O pai” presente na obra *Os provisórios*, que foi escrita em 1980, por Helena Parente Cunha. A proposta é fazer uma análise das situações consideradas mais recorrentes quando se trata de representação do feminino, no que tange a força do poder patriarcal da sociedade atrelada ao imaginário coletivo de um grupo, enfocando uma análise freudiana.

Helena Parente Cunha é de Salvador. Cursou Letras Neolatinas na antiga Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia. Obteve, em 1954, uma Bolsa de Estudos da CAPES para se especializar em Língua, Literatura e Cultura Italiana em Perúgia, Itália, tendo aí recebido seu primeiro prêmio literário. Iniciou a vida profissional no magistério, ensinando italiano na faculdade onde se graduou e ensinando francês no Colégio Estadual da Bahia. Teve entre seus alunos mais famosos, Glauber Rocha e João Ubaldo Ribeiro. Em 1958, mudou-se para o Rio de Janeiro. Nos anos 60 dedicou-se à tradução de livros e fez as primeiras publicações de poesia e ensaio em antologias e suplementos literários. Em 1968, ingressou para a Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro como Professora Titular de Teoria da Literatura. No final dos anos 70, Helena deu início à carreira de ficcionista, ganhando importantes prêmios de âmbito nacional nas categorias conto e romance. Seu romance *Mulher no espelho* foi traduzido na Alemanha e nos Estados Unidos. Vários contos e poemas de sua autoria integram antologias no Exterior. A autora possui 26 livros publicados no Brasil.

Em *Os Provisórios*, Cunha narra sobre os oprimidos da vida. Os "provisórios" são as vítimas anônimas da condição de existir e de ser. São aqueles que estão à margem e não protagonizam a história oficial. O que faz Helena Parente Cunha, nos contos deste livro, é dar voz a esses sujeitos. A figura mulher constitui um dos que ganham voz na literatura da autora,

pertencendo ao universo dos não protagonistas da história narrada. A personagem feminina do conto “O pai” mostra-se aprisionada ao sistema patriarcal ao qual está submetida. Ela é obediente e não se desvincula da autoridade do pai, sendo sempre submissa. Essa situação de obediência revela uma personagem presa pela situação de repressão que vivencia. Esse comportamento da personagem principal que muito se afasta do comportamento esperado pela mulher contemporânea é uma forma que a autora encontrou de estudar um tipo de representação do feminino. O conto é de 1980, uma época onde a mulher já conquistava o seu espaço. Nada é escrito em vão na obra de Helena, uma vez que é inerente ao universo de escritoras femininas essa literatura que aponta o que incomoda socialmente. Afirma-nos Luiza Lobo (2000) que

Na literatura de autoria feminina, como na literatura de autoria negra ou africana, percebe-se a existência de um discurso de alteridade político, na medida em que seus representantes se assumam e se declarem como tal, isto é, como negros, negras, africanos, africanas, ou seja, como parte de uma etnia não prestigiada ou como mulheres. A literatura de autoria feminina se constitui naquelas obras em que a literatura se exerce como tomada de consciência de seu papel social. Ao contrário, há uma postura de igualamento não-feminista ou não racial com as outras vozes, ou seja, de apagamento das diferenças, e não como uma voz alternativa ou a expressão de uma minoria. Neste caso, o suposto humanismo que tenta apagar as diferenças é na verdade temor de acirrâ-las, ao fingir não vê-las, como se não tivessem sexo ou cor, e como se tudo fosse universal. Neste caso, não se pode destacar essas autoras como parte representativa da literatura de autoria feminina, uma vez que não tomam consciência de sua posição em face do todo social. É como se essas "minorias" fossem perfeita e placidamente contempladas pelo cânone literário em geral.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> LOBO, Luiza. A LITERATURA DE AUTORIA FEMININA NA AMÉRICA LATINA. 2000. Disponível em <http://www.cesargiusti.bluehosting.com.br/Centralit/Textos/semi1.htm>

## 1. A figura do pai na sociedade ontem e hoje

Atualmente, a figura do pai passa por processo de evolução, devido às transformações culturais, sociais e familiares. O papel do pai na sociedade tem se transformado nas últimas décadas. A ideia que se tem do pai antigo, proprietário de bens, escravos e filhos, disposto a impor sua lei e seus direitos e a resguardar seu nome e sua honra foi responsável por moldar comportamentos e crenças sociais. Autoritário, esse tipo de pai se isentava de maiores compromissos e de manifestações afetivas. A relação era marcada pela ideia da diferença ao se referir à hierarquia familiar. Era o maior responsável por impor disciplina, uma vez que “sabia mais” e “melhor conhecia a vida”, segundo a crença social.

A força do imaginário social e da dominação masculina se incube em manter um *status* poderoso em torno da figura do pai. É o imaginário coletivo que se responsabiliza pela divulgação de ações e condutas consideradas pertinentes ao que se refere a gênero, etnia, faixa etária, por seu um conjunto de símbolos, conceitos, e memórias em torno de um grupo de indivíduos que fazem parte de uma comunidade específica. A sensibilização dessas pessoas em relação a esses símbolos compartilhados reforça o sentido do imaginário. Até o final do século passado, o pai desempenhava essencialmente uma função educadora e disciplinadora, segundo códigos frequentemente rígidos e repressivos. E a interação entre pai e filho era reduzida, principalmente nos primeiros anos de vida com a mínima participação do genitor no cuidado diário da criança. Hoje, é reconhecido como importante o papel do pai no desenvolvimento da criança e a interação entre pai e filho é um dos fatores decisivos para o desenvolvimento cognitivo e social, facilitando a capacidade de aprendizagem e a integração da criança na comunidade. A experiência

clínica tem mostrado que, na vida adulta, as representações dessa vivência insurgem nas várias possibilidades de construção psicoafetiva, com repercussão nas relações sociais. Crianças que sentem o pai próximo e presente sentem-se mais seguras em seus estudos, na escolha de uma profissão ou na tomada de iniciativas pessoais.

Em *Totem e Tabu* (1913), Freud evidencia o modo como a função paterna se constitui como fundamento de toda a ordem social. Ao mesmo tempo em que marca a abertura da reflexão freudiana para o campo da cultura, *Totem e Tabu* estabelece as bases de uma virada cultural significativa, com profundas e vastas consequências teóricas. Recorrendo ao que ele mesmo chamou de “*uma ficção antropológica*”, Freud narra o que teria sido a aurora da humanidade. Nos primórdios, os homens, reunidos em bandos, obedecem, pela força, a um pai violento, ciumento, que guarda para si todas as fêmeas e expulsa seus filhos à medida que crescem. O que temos aqui é o estado de natureza, no qual impera a lei do mais forte, não havendo laço social, norma ou vínculo afetivo de nenhuma espécie. Certo dia, os irmãos, que tinham sido expulsos, retornam juntos, matam e devoram o pai, colocando assim um fim à autoridade patriarcal. Foi a força de muitos, ou seja, a força da horda, combatendo o poder radical. A este assunto retornaremos mais adiante.

## **2. Um pai vivo, uma mulher sem ação e a falta que a horda faz**

Apatia? Tristeza? Indiferença? Loucura? Conformismo? Medo? Obnubilação? Falta de combatividade? O que, de fato, ocorre com a personagem feminina do conto? Propositalmente sem nome, ela representa a maioria das mulheres do nosso contexto social. O pai é outro exemplo. No microcosmo que vivem, entre a porta e qualquer outra parte da casa, exemplificam as relações marcadas pelo poder patriarcal no âmbito do

privado. Por vez, a marcação das frases sobre o que uma mulher deve ou não fazer fora de casa expressa o pensamento do pai radical e de muitos membros de nossa sociedade sobre como uma mulher deve se comportar no âmbito público.

A dominação masculina faz-se presente de forma que as mulheres se veem condicionadas a seguir o padrão comportamental a que foram submetidas durante suas vidas. Segundo Bourdieu (1977), dominação é um esquema inconsciente cujas raízes encontram-se na estruturação histórica, estabelecendo e reafirmando a ordem masculina como superior, sem necessidade de justificar-se, pois é uma construção social naturalizada. A ordem social legitima o poder masculino, que o manifesta principalmente no contexto doméstico. Na relação entre pai e filha, o conto enfatiza esse pensamento repressor de dominação do homem pai. Fica evidente o poder simbólico do homem sobre as diferentes etapas da vida da filha mulher. A domesticidade é um traço incutido na mulher durante sua preparação para a sociedade. Ela é o corpo dócil “*que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado*” (FOUCAULT, 2008, p.118). É condição do poder patriarcal nunca perder a mulher de controle para sempre moldá-la, transformá-la e aperfeiçoá-la de acordo com seus preceitos dominadores.

As pesquisadoras norte-americanas passaram a usar a categoria gênero para falar das "origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres". A ênfase colocada na "origem social das identidades subjetivas" não é gratuita. De fato, não existe uma determinação natural dos comportamentos de homens e de mulheres, não existe essa espécie de essencialismo, apesar das inúmeras regras sociais calcadas numa suposta determinação biológica diferencial dos sexos (SCOTT, 1991). Exemplos banais e corriqueiros caíram no imaginário social como fruto da construção social de gêneros, gerando afirmações do tipo “homem não tem jeito para cuidar de criança” ou “mulher não pode levantar peso”. Paim e Strey (2007)

ressaltam que para o entendimento da desigualdade de gênero, é fundamental entendermos que sua manutenção e gênese residem na sociedade e estão relacionadas ao conceito de patriarcado. As relações assimétricas entre os gêneros vêm mostrando que as sociedades patriarcais sustentam relações e modos de produção, nos quais os homens como categoria social levam vantagens sobre as mulheres, nas mesmas condições. Nunes (2002) ressalta que o machismo existente nas instituições familiares, nas concepções de poder, na divisão dos comportamentos, nas cores e na distribuição dos brinquedos às crianças dificulta muitíssimo qualquer tipo de rompimento social de valores. A mulher foi simbolicamente marcada dentro da sociedade como pura, santa, virgem, dócil. Os símbolos são instrumentos da integração social. São eles que tornam possível o consenso acerca do sentido do mundo que contribui, essencialmente, para a reprodução de uma ordem social e a integração social lógica é a condição da integração moral.

A família sempre foi grande responsável em manter a ordem rígida da dominação no seio social. Acerca desta ideia, Bourdieu (1977) relata que o trabalho de reprodução da divisão dos gêneros, até recentemente, esteve garantido por três instâncias principais, ou seja, a Família, a Igreja e a Escola, que agiam em consonância com os princípios do Estado (ratificando os preceitos do patriarcado). De forma sincronizada, elas possuíam a característica de atuar sobre as estruturas inconscientes e isso ocorreu durante anos em todos os segmentos de nossa cultura:

O trabalho de reprodução esteve garantido, até época recente, por três instâncias principais, a Família, a Igreja e a Escola, que, objetivamente orquestradas, tinham em comum o fato de agirem sobre as estruturas inconscientes. É, sem dúvida, à família que cabe o papel principal na reprodução da dominação e da visão masculinas; é na família que se impõe a experiência

precoce da divisão sexual do trabalho e da representação legítima dessa divisão, garantida pelo direito e inscrita na linguagem. Quanto à Igreja, marcada pelo antifeminismo profundo [...] ela inculca explicitamente uma moral familiarista, completamente dominada pelos valores patriarcais e principalmente pelo dogma da inata inferioridade das mulheres [...] Por fim, a Escola, mesmo quando já liberta da tutela da Igreja, continua a transmitir os pressupostos da representação patriarcal [...] e, sobretudo, talvez, os que estão inscritos em suas próprias estruturas hierárquicas, todas sexualmente conotadas, entre as diferentes [...] faculdades, entre as disciplinas [...] entre as especialidades, isto é, entre as maneiras de ser e as maneiras de ver, de se ver, de se representarem as próprias aptidões e inclinações. (BOURDIEU, 1977, p. 103-104)

Hoje em dia, o pai divide com a mulher as tarefas domésticas, vai às reuniões da escola, leva os filhos ao pediatra, ao dentista, às aulas de natação, futebol, dança, ou ainda, ficam em casa quando os filhos estão doentes. Este novo pai, cada vez mais, tem participado, de forma igualitária, nas atividades lúdicas da criança. Pode-se considerar que a presença do pai na vida de um filho é tão fundamental quanto a presença da mãe, quando se pensa em um bom desenvolvimento socioemocional da criança, sob vários níveis e circunstâncias.

A submissão é uma constante na literatura quando busca retratar mulheres. Isto ocorre devido à contextualização das narrativas onde uma visão androcêntrica predomina. Helena Parente Cunha não comunga desse pensamento, mas o usa como ferramenta de denúncia para mostrar o quão radical a sociedade consegue ser. No conto, nós vemos a personagem vivendo uma situação dramática. Em “O pai”, a figura feminina vive diante de uma disciplina rígida imposta pelo pai. Talvez por se sentir inferior ou incapacitada, ela acata as ordens e decisões do pai que vai envelhecendo ao

longo da narrativa e mostrando que, com o passar do tempo, em nada se torna flexível em seus pensamentos. Pior ainda, com a morte da esposa, ele intensifica seu poder jogando para a filha toda responsabilidade de cuidar dele, como se a filha tivesse agora as obrigações maternas do voto nupcial que prega “até que a morte os separe”. Com a morte da mãe, ele também acentua uma preocupação em relação à vida da filha criando um sentimento de dependência maior. Ele depende dela, mas ela também depende dele porque não sabe ser outro tipo de pessoa. Assim, ela puxa para si uma atitude eternamente submissa. Mostra-se cada vez mais presa a atitudes antiquadas e submissas de respeito. Ela está sozinha. Não faz parte de uma horda para exterminar aquele que dela exige obediência e sacrifícios. O pai não foi um elemento encorajador para superar obstáculos em sua infância ou adolescência e isso não mudou em sua fase adulta. Para falar a verdade, um conto com esse devido título só enfatiza que “*a força masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção*” (BOURDIEU, 1977, p.18).

### **3. Um pai e um muro nas estratégias de Helena Parente Cunha**

Em *Totem e Tabu* (1913), a história ficcional criada por Freud, nós percebemos três momentos distintos. Inicialmente, temos a revolta entre os irmãos da horda, que, unidos pelo ódio comum contra o dominador, têm como objetivo compartilhado a libertação diante da tirania desse líder que exerce sobre seus dominados um misto de medo e admiração. O segundo momento se dá com a perplexidade por consequência do ato parricida. Diante do vazio deixado pela ordem deposta, o assassinato do pai onipotente contém um erro na medida em que tal ato é incapaz, por si só, de solucionar o problema do grupo. Agora que o chefe está morto, qualquer membro da horda pode ocupar o posto que ficou vago. Por isso, a fim de evitar que se

alastre uma guerra, os conjurados decidem renunciar ao poder desenfreado outrora encarnado pelo líder. Os irmãos realizam um banquete antropofágico através do qual, ingerindo a carne e o sangue do pai divinizado, incorporam suas virtudes e se reconhecem uns aos outros em pé de igualdade. Então, temos o terceiro tempo do mito freudiano, aquele no qual se efetiva o vínculo social. O pai morto é, então, revestido de um caráter sagrado, passando a ser venerado como o fundador da coletividade. Dele emana a legitimidade das normas de convívio doravante formuladas pelo grupo. Apenas o pai divinizado, fruto do assassinato que inspira culpa e veneração, é capaz de infundir ao mesmo tempo os sentimentos de reverência, amor e temor, tornando-se o depositário das proibições:

Provavelmente o caráter mais perturbador do texto seja o de apresentar como tese central a idéia de que a humanidade surge de um assassinato cometido em conjunto e carrega, como marca do seu mal-estar, a presença persistente do desejo de assassinar. No começo não era nem o caos nem o verbo, mas o ato; e esse ato foi o assassinato do pai. (GARCIA-ROZA, 1995, p. 26)

No conto “O pai”, este está longe de ser divinizado uma vez que está muito presente e ameaçador como no primeiro tempo da história de Freud. Sua tirania exerce na menina/moça/mulher personagem muito medo e certa admiração que, de forma muito próximas, apesar de antagônicas, andam juntas. A personagem está eternamente presa ao primeiro momento da história freudiana. Ela não possui a capacidade que a horda teve de se rebelar. Falta-lhe força, ousadia e coragem de grupo. Frente à tirania do seu chefe, ou seja, de seu pai, segue em sua pequenez e falta de capacidade para mudar qualquer coisa. A personagem é professora e esclarecida, ela poderia romper com a dependência submissa, uma vez que possui um emprego socialmente permitido, mas está submetida à “força simbólica” (BOURDIEU, 1998) e

segue impedida psicologicamente de qualquer ato de luta, colaborando para que essa força simbólica sempre se torne evidente:

O poder simbólico não pode se exercer sem a colaboração dos que são subordinados e que só se subordinam a ele porque o constroem como poder. (...) Assim se percebe que essa construção prática, longe de ser um ato intelectual consciente, livre, deliberado de um “sujeito” isolado, é, ela própria, resultante de um poder, inscrito duradouramente no corpo dos dominados sob a forma de esquemas de percepção e de disposições (a admirar, respeitar, amar etc.) que o tornam sensível a certas manifestações simbólicas do poder. (BOURDIEU, 1998, p.52-53)

Em *Psicologia de grupo e a análise do Ego* (1921), Freud considera a psicologia individual colada à psicologia coletiva, o que conduz a uma extensão da leitura do Édipo, visto que o sujeito, inserido num tempo e espaço cultural, é constituído, na sua formação, pelas marcas de seu tempo. Esta extensão abarca, além do pai de família, todas as lideranças, grupos sociais que circunscrevem a vida do sujeito. A filha exemplar só é exemplar por conta de uma disciplina absorvida. Mesmo madura, aos quarenta anos, ela acata as vontades do pai, que a trata da mesma forma de quando era menina. O tempo muda, mas as atitudes dos personagens não. Não quer dizer com isto que a filha em tudo concorde com o pai. Não é assim. O texto é marcado por um monólogo interior da personagem que muitas vezes é irônica ou vai contra a fala do pai. Mas como foi dito, o monólogo é interior e fica nos limites do pensamento. Devido a sua enorme submissão, a personagem é incapaz de externar o que realmente pensa. “*Pelo amor de Deus, eu tenho quarenta anos, até quando você vai pedir satisfações de minha vida?*” (p. 2). O comportamento submisso e estagnado da personagem é o mesmo ao longo dos anos. O conto relata toda a vida da personagem. Ela é a mesma e o pai é sempre o mesmo

pai que “parado na porta” se mostra como obstáculo de ir e vir da mulher, como barreira de vida e projeção pessoal desta. É ativo em sua função de vigiar o destino da filha em todas as fases de sua vida. O pai é o motivo de a filha anular-se ao mundo exterior, ao setor público, por conta de um privado muito bem trabalhado na dominação e visto como natural por ambos:

Ele está parado como um obstáculo, idéia que se reforça pelo uso da preposição; desta forma, a filha está impossibilitada de ir e vir (...). A imobilidade do pai, sempre parado na porta representa o conjunto das estruturas dominantes, assim naturalizadas. (XAVIER, 2007, p.78-80).

A filha apresenta uma imagem fragilizada e, mais que isso, infantilizada no conto; uma imagem construída assim para marcar sua relação de dependência. No patriarcado, mulheres e crianças são comumente situadas como seres dependentes por serem incapazes. E o pai é agressivo, pois encarna a figura do dominador em todos os seus estágios de opressão: “*O pai parado na porta, entre o barulho do ônibus e o tapa*” (p. 2). A mulher é, assim como o escravo, alvo natural de espancamento. O dominador torna a agressão física um ato banal para estes grupos. Sem falar que aqui o pai também se prevalece de sua posição de líder do grupo familiar, remetendo, assim, ao estágio primeiro da história de Freud, posicionando-se como extremamente tirano e insensível.

As relações de gênero são marcadas ao longo do texto: “*Você não sabe que é feio menina brincar com menino? (...) Você não sabe que menina não sobe em muro?*” (p.2) O que pode ou não na sociedade é mostrado como reflexo dessa relação dominadora. O pai domina porque a sociedade assim permite. A moça foi se negando entrar em relações amorosas desde a sua adolescência, momento onde as meninas despertam para o interesse sexual: “*Não tem nada de*

*15 anos nem nada, sua mãe nunca conversou comigo sozinha antes do casamento. Mas papai, a gente não mora na roça.”* (p.2). Ao mencionar a frase *“Mas papai, a gente não mora na roça”* vemos que a personagem é ciente da intolerância do pai, mas não ousa agir de forma diferente daquilo que ele permite e determina. Em outro trecho encontramos uma mistura de falas dos personagens: *“Domingo que vem nós vamos passar o dia em Itaparica na casa de seu padrinho (mas papai) você não pode ir por quê? Você tem que espairer.”* (p.3). O uso do discurso indireto livre reforça essa ideia de aceitação e de uma mistura de pensamentos que se confundem. A contestação da moça logo vira uma aceitação por falta de argumentos e combatividade. Ela segue o que lhe é imposto. Inclusive, o fato de ter cursado uma universidade não é um motivo de orgulho ao pai: *“A primeira aluna de toda a faculdade, vejam só, ela estudou na faculdade”*(p.3). O próprio zomba, depois, da vontade da moça em fazer um curso de pós-graduação. Afinal, na visão conservadora, mulher não precisava estudar.

O muro que aparece no conto é uma representação do próprio pai. É o muro que instiga a menina e que ela deseja subir. O pai diz *“Você não sabe que menina não sobe em muro?”* (p.2) e isso significa o mesmo que dizer *“você não sabe que filha não passa por cima da vontade do pai ou você não sabe que mulher não passa sobre a vontade do homem?”*. O muro é metáfora da própria existência do pai na vida da filha, existência que é uma barreira, um obstáculo para a sua vida, não permitindo ver a vida. O muro que também era uma barreira concreta para que ela visse o que estava atrás dele na escola, foi objeto que lhe instigou a curiosidade e, com isso, ela se desculpa: *“Desculpa, papai, eu só queria ver o que havia do outro lado do muro”* (p.2). Daí, podemos dizer que apesar do muro e do pai serem construções metafóricas que significam ‘barreiras’ no texto, afirmamos que a vontade da garota sempre foi a de ignorar as ordens do pai, e pular também esse “muro paterno”, mas sua formação reprimida jamais a permitiu fazer.

Com a morte do pai no conto, a menina/mulher já não teria nenhuma interdição e estaria livre para fazer o que quisesse: “O pai parado na porta, atravessado entre a hora de sair e a hora de nunca mais. Papai?” (p.4). Contudo, a repressão que viveu por toda a vida foi tão grande que viver por conta própria, livre dos valores repressivos do pai morto e ausente já seria sem fundamento:

Cansaço. Cansaço de existir. Ela parada na porta, entre ficar e não sair, o corpo colado numa gosma nem fria nem quente, um amarrado nos ossos, um grude se enfiando pelos poros, alguém tocou a campainha? Ninguém entra ninguém sai, o teorema de Pitágoras demonstrado para sempre até as mais densas profundezas do cansaço essencial. O quadrado do sim é igual à soma dos quadrados de todos os não incendiados na medula. Cansaço de viver e não viver. Nada se perde nada se ganha. O universo inteiro transformado num atoleiro bolorento de esquecimentos do que nunca aconteceu em nenhum dia, em nenhuma hora, atrás do muro da escola, onde houve um menino e uma menina. (CUNHA, 1990, p.4)

A submissão tornou-se seu estilo de vida. Após a morte do pai, ela fica “*parada na porta, entre ficar e não sair*”. Continua uma vida com a mesma rotina. Sempre com o mesmo cansaço de viver.

A escola, sempre a escola. Os ângulos de um triângulo somam 180°. Por quê? Nunca, mas nunca mesmo poderá mudar? Esta soma será eternamente mesma num universo onde nada se perde e tudo se transforma? Nada se perde, nem os dias nem os anos nem as horas, nada se perde, mas tudo se transforma num monturo de lembranças rançosas de tudo que não pôde ser no baile de formatura. (CUNHA, 1990, p. 2)

E no trecho acima, vemos a já mencionada ideia de Bourdieu (1977) que relata que o trabalho de reprodução da divisão dos gêneros esteve garantido pela Família, pela Igreja e pela Escola, que agiam em consonância com os princípios do Estado, ratificando os preceitos do patriarcado, de forma sincronizada. Percebemos que ela nunca acreditou piamente em verdades ditas “universais” como as da matemática ou sobre a “verdade” patriarcal sobre a mulher. A filha acreditava em mudanças e dizia: *“Em todo o correr dos anos, tudo se transforma. Pitágoras, não, nem se perde nem se transforma, irredutível na sua exatidão geométrica”* (p.3). Todavia, ela mesma era incapaz de agir para mudar. Em sua submissão, ela simplesmente absorvia todas as regras por serem mais cômodas, mais fáceis, ao seu universo que se resumiu, no fim de tudo, como um *“atoleiro bolorento de esquecimento do que nunca aconteceu em nenhum dia, em nenhuma hora”* (p.4).

### **Considerações finais**

Assim, ao analisarmos o conto de Helena Parente Cunha, nós vemos a ênfase que a autora dá à soberania masculina sempre presente e pouco ou nunca questionada. Com um pai vivo, sem pertencer a uma horda para se rebelar contra a autoridade repressora, temos uma mulher sem ação e sem possibilidade de agir. A personagem está presa à força simbólica descrita por Bourdieu. O ambiente repressor em questão é a família. A pressão da sociedade e dos ensinamentos adquiridos pela personagem é enorme; tudo isto está fixado nela. Ela percebe sua condição de submissão, porém não consegue reagir aos padrões inculcados durante os anos de sua criação. A filha está impregnada da visão androcêntrica imposta, de tal forma que não consegue romper com a dominação. Ela se deixa guiar pela figura masculina do pai, que determina seu destino até depois de morrer. Após a morte deste, ela segue a sua vida de repressão por ser a única forma de vida que sabe viver.

E esta foi a única herança que o pai realmente lhe deixou, apesar de cruel e injusta.

*Totem e Tabu* (1913) é um livro que caracteriza uma tentativa de reafirmar a crença na prevalência da teoria edípica no processo civilizatório, ou seja, a superação do filho sobre o pai. Contudo, para Roudinesco (1998), *Totem e Tabu* é mais um livro político que um livro de psicanálise ou obra antropológica propriamente dita. E isso justifica o uso da mencionada obra de Freud para analisar o conto de Helena Parente Cunha. Como profunda conhecedora da luta feminista e dos conceitos freudianos, ela quis mostrar o quão frágil é a relação da mulher no universo masculino, nas relações políticas, na visão do público e do privado. A autora não compactua com o pai soberano, nem com a filha inerte. Ela só mostra que é muito difícil mudar a visão política da mulher. *Os Provisórios*, livro do qual o conto “O pai” foi extraído, foi lançado em 1980. A personagem feminina do conto estudado representa a mulher que sofreu e sofre com o regime patriarcal, que apesar de arcaico e inimaginável contemporaneamente, ainda impera em muitos locais de nosso imenso país. Em sua relação com o genitor, apesar de se incomodar e querer um rompimento com os padrões androcêntricos impostos, mostra-se impedida de agir. Mostra-se apática ou, quem sabe, conformada com sua posição social submissa. Deseja pular um muro de possibilidades, mas não ousa fazê-lo. Deseja passar por cima do pai, mas se restringe a satisfazer as vontades dele. Não muda o seu destino. Não quer mudá-lo. Prefere acatar tudo porque pular muros, pular barreiras é bastante cansativo também. Retornando às epígrafes usadas no início desse trabalho, a filha, nesse conto, segue o destino de mulher construído por nossa sociedade e também viverá para sempre infantilizada em seu universo por não ter tido a oportunidade de crescer dentro do opressor convívio paterno, deixando em sua maturidade prevalecer todo o jeito de ser instalado em seu comportamento desde tenra idade.

## Referências

- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1977.
- CUNHA, Helena Parente. *Os Provisórios*. Rio de Janeiro: Antares, 1990.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- FREUD, Sigmund. (1921) *Psicologia de grupo e a análise do ego*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- \_\_\_\_\_. (1913) *Totem e Tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, v. 1.
- LISPECTOR, Clarice. *A Hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- LOBO, Luiza. “A literatura de autoria feminina na América Latina”. 2000. Disponível em <http://www.cesargiusti.bluehosting.com.br/Centralit/Textos/semi1.htm> . Acesso em 20.10.2012.
- NUNES, César Aparecido. *Desvendando a Sexualidade*. Campinas: Papyrus, 2002
- PAIM, Maria Cristina Chimelo; STREY, Marlene Neves. “Violência no Contexto Esportivo: Uma Questão de Gênero?” In: *Revista Digital*. Buenos Aires, Ano 12, nº108, maio 2007. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. Acesso em 12.07. 2012.
- PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido – a prisioneira*. Porto Alegre: Globo Editora, 1971.
- ROUDINESCO, Elizabeth. *Jacques Lacan: Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. In: *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre: UFRGS, 1991.
- XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.